Mobilidade

A CML voltou a associar-se à Semana Europeia da Mobilidade (16 a 22 de setembro), sob o mote "Mobilidade Inteligente, Economia Forte". Alertando para a mudança, o evento teve conferências, caminhadas e test drives, entre outras ações.

Recolha de Fundos

A AJP apresenta a 1.ª Corrida Associação Jorge Pina powered by MultiOpticas. Este evento desportivo visa a angariação urgente de apoios a favor da Escola de Atletismo Adaptado e já recolheu o apoio de um conjunto diverso de empresas.

VOLUNTARIADO EMPRESARIAL

O Banco de Horas e a sua capacidade de incutir, nos trabalhadores de uma empresa, o gosto, o prazer, em contribuir para o desenvolvimento da comunidade onde se inserem, pode ser decisivo na definição de uma política de Responsabilidade Social Corporativa (RSC) de sucesso. Apesar da RSC não poder, nem dever, esgotar-se no voluntariado, o Banco de Horas pode ser um impulso determinante, ou mesmo ditar o ritmo de criação de todo um conjunto diversificado de projetos e ações.

BANCO DE HORAS PARA VOLUNTARIADO

Ajudar com ou sem hora marcada

No contexto do voluntariado empresarial, dedicamos especial atenção ao Banco de Horas e à relevância que tem, ou poderá assumir, no contexto do tecido empresarial português.

Sónia Bexiga
sbexiga@jornaleconomico.pt

O voluntariado empresarial deve ser entendido, maioritariamente, como "um dos instrumentos que as empresas utilizam no exercício da sua responsabilidade corporativa, no sentido de contribuírem para um desenvolvimento global mais equitativo e mais participado e, por isso, mais sustentável" (ABC do Voluntariado, publicação da RSE Portugal, CEP, AIP e SOCIUS).

Assim, o voluntariado empresarial traduz-se na colaboração ativa das empresas a favor de causas sociais em prol de interesses comuns no contexto social, refletindo a ligação das empresas à sociedade, numa estreita colaboração, efetuada através da "cedência e partilha do seu ativo mais importante: o elemento humano e o seu capital social".

Já o Banco de Horas, também definido nesta mesma publicação, é um instrumento que "decorre quando os trabalhadores dedicam parte do seu horário laboral a atividades de voluntariado, com o prévio acordo da empresa. Este tempo é remunerado como de trabalho efetivo se tratasse", podendo variar em termos da quantidade de tempo estipulado para voluntariado, sendo que, segundo esta mesma publicação, as empresas portuguesas disponibilizam, maioritariamente, um dia por ano, mas existem muitas outras situações, como a possibilidade de dispensarem uma hora por semana, uma tarde, um mês ou vários dias por ano.

Banco de Horas: sim ou não?

Sublinhando primeiramente que o voluntariado é somente uma das "componentes" da Responsabilidade Social Corporativa (RSC), e não obstante o peso e relevância do voluntariado corporativo (no qual se insere o Banco de Horas), Paula Guimarães, presidente do GRACE - Grupo de Reflexão e Apoio à Cidadania Empresarial, em representação da Fundação Montepio, explica que a atuação das empresas no âmbito da RS foi evoluindo gradualmente e adaptada à realidade socioeconómica do país e da zona onde se inserem. "A grande maioria dos associados GRACE desenvolve, atualmente, iniciativas e projetos de Responsabilidade Social, nas quais se incluem programas de voluntariado corporativo entre outros", acrescenta.

Questionada sobre porque devem, ou não, as empresas criar um Banco de Horas e de que vantagens e desvantagens se reveste, Paula Guimarães esclarece que, para as empresas (nomeadamente as PME, que estão a iniciar a sua atuação na área da RSC), o Banco pode ser "vantajo-

O Banco pode ser vantajoso no sentido de avaliar e incutir a prática de voluntariado junto dos colaboradores, considerando que é um indicador facilmente mensurável e exigirá poucos recursos

Um programa de RSC que crie valor e seja diferenciador deve abranger as várias vertentes e pilares da RS, não devendo limitar-se ao voluntariado

BALANÇO

No que respeita ao voluntariado empresarial em Portugal, como está a correr 2016?

Diria que 2016 está a ser positivo e estamos no bom caminho, cumprindo as metas do Enterprise 2020 (no âmbito do Europa 2020) e dando especial atenção aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Não obstante os problemas sociais complexos (que se mantêm, com uma população cada vez mais envelhecida, uma taxa de desemprego considerável e forte precariedade laboral), há cada vez mais empresas a fazer a diferença e a adotarem um papel cada vez mais responsável perante a sociedade.

so no sentido de avaliar e incutir a prática de voluntariado junto dos colaboradores, considerando que é um indicador facilmente mensurável e exigirá poucos recursos, humanos e financeiros, da própria empresa. Algumas grandes empresas, como a Delta, a EDP e a IBM mantêm essa prática, entre as inúmeras iniciativas desenvolvidas".

Ainda assim, a presidente do GRACE considera que este instrumento fica aquém do que as empresas podem desenvolver no âmbito da sua política de RS. E, por isso, defende que, atualmente, um programa de RSC que crie valor e seja diferenciador deve abranger as várias vertentes e pilares da RS, não devendo limitar-se ao voluntariado.

E, se dúvidas restarem sobre a capacidade de um Banco de Horas contribuir para o sucesso da estratégia de RSC assim como para o sucesso da própria empresa, Paula Guimarães afirma, convictamente, que esta é "uma excelente forma de começar a desenvolver uma cultura empresarial de RS, funcionando igualmente como elemento motivador para os colaboradores e de aproximação e identificação com a empresa. Externamente, carrega vantagens a nível reputacional, que abrangerão os demais 'stakeholders' (...) sem esquecer as mais-valias sociais para a comunidade e seus beneficiários", conclui. ■

Exemplos

■ O programa **"Tempo para Dar"**, por exemplo, permite que cada colaborador voluntário da Delta contribua com duas horas por mês para diminuir a solidão dos idosos, através de apoio domiciliário junto de instituições parceiras protocoladas.

■ A **"On Demand Community"** (ODC), iniciativa global da IBM, apoia e incentiva o trabalho voluntário e está disponível a todos os colaboradores, no ativo ou em situação de reforma, funciona no entanto de forma diferente. A IBM tem apenas acesso ao número total de colaboradores registados bem como ao total de horas.

■ A **EDP** aprovou, em 2007, uma norma interna que concedia quatro horas de expediente por mês a cada colaborador para voluntariado. Hoje, têm um completo Programa de Voluntariado, que vai muito para além de Banco de Horas.

Envelhecimento ativo. Pedalar pode fazer a diferença

Ao associar-se à UMP, o Santander Totta permite que, por ano, 3.500 idosos façam exercício e envelheçam com mais qualidade.

O Santander Totta associou-se este ano, pela primeira vez, ao maior evento velocipédico nacional, a Volta a Portugal em Bicicleta.

"Por proporcionar experiências positivas e imediatas, o desporto é considerado um dos veículos mais eficazes para o Santander Totta abraçar o seu compromisso com o desenvolvimento das pessoas e das empresas", fez questão de salientar António Vieira Monteiro, presidente do banco Santander Totta, na assinatura do compromisso com a Podium Events, empresa organizadora da Volta a Portugal em Bicleta, que se estenderá pelo dois próximos anos.

Dois anos foi também o prazo pelo qual o banco Santander Totta assinou um protocolo com a União das Misericórdias Portuguesas (UMP), o qual visa a população sénior e a entrega de 72 bicicletas de fisioterapia.

Foto cedida

Neste contexto, e com o intuito de promover um estilo de vida saudável e apoiar o envelhecimento ativo da população portuguesa, foram entregues, recentemente, 22 bicicletas às Misericórdias das 11 etapas da Volta em Portugal Continental e 14 nas Regiões Autónomas da Madeira e Açores.

Entretanto, o banco já veio assegurar que, no próximo ano, será entregue o mesmo número de bicicletas no decurso da Volta a Portugal Santander Totta.

Particularmente sobre este protocolo, Inês Oom de Sousa, do Santander Totta, sublinhou que, para além de se inserir na estratégia de Responsabilidade Social Corporativa, "reflete também a consecução daquilo que entendemos ser a nossa missão enquanto banco: ajudar ao desenvolvimento das pessoas e das empresas. Neste caso, a entrega das bicicletas de fisioterapia à população sénior vem também incentivar e promover estilos de vida ainda mais saudáveis".

Por seu turno, Manuel Lemos, presidente da UMP, mostrando-se satisfeito com este acordo, salientou que esta iniciativa "aproxima diferentes atores da sociedade civil, em nome da coesão social e da qualidade de vida dos mais idosos".

Ainda sobre esta parceria, José Carmona, presidente do Conselho de Administração da Podium Events, fez questão de evidenciar que a Volta a Portugal em Bicicleta "percorre novas etapas e chega a outros destinos, pensa globalmente, age localmente e os seus parceiros também". ■

ChildPlan. LeasePlan leva crianças ao Badoca Park

A LeasePlan, com o objetivo de reforçar a sua política de Responsabilidade Social e no âmbito do programa internacional ChildPlan, volta a apoiar as crianças do Centro Social Paroquial Nossa Senhora de Porto Salvo. Neste contexto, a mais recente ação de voluntariado envolveu cerca de dez colaboradores da LeasePlan e possibilitou que 60 destas crianças visitassem o Badoca Safari Park.

Este grupo reuniu crianças e jovens dos 1.º e 2.º ciclos do Centro Social e Paroquial Nossa Senhora de Porto Salvo que, desta forma, celebraram o final do ano letivo.

Segundo a empresa, a ação envolveu os recursos e colaboradores, os quais tiveram por missão o acompanhamento destas crianças, proporcionando-lhes um dia diferente, reforçando o seu compromisso para com a comunidade onde está inserida (freguesia de Porto Salvo).

Ainda no âmbito da sua política de RSC, a LeasePlan já tinha apoiado, no final de 2015, os jovens do Centro Social de Porto Salvo com a renovação da Sala de Estudos Polivalente, que se encontrava bastante degradada e foi remodelada pelos colaboradores. Adicionalmente, ainda durante dezembro último, por cada carro entregue, a LeasePlan fez reverter 1 euros para esta causa, permitindo agora esta nova mobilização no apoio às crianças carenciadas. Sendo este, aliás, um dos objetivos do programa internacional do grupo, ChildPlan, no âmbito da política de Responsabilidade Social da LeasePlan Portugal.

Recordando a iniciativa realizada em 2015, António Oliveira Martins, diretor-geral da LeasePlan Portugal, reforçou que o impacto que tiveram junto das crianças "foi fantástico e motivou-nos a continuar a apoiar o Centro Social Paroquial Nossa Senhora de Porto Salvo, pelo trabalho notável que tem desenvolvido junto das crianças e jovens que se encontram a poucos metros da nossa sede".

"Através destas iniciativas tentamos apoiar quem mais precisa, enquanto transmitimos a importância de manter uma atitude socialmente responsável com a comunidade, refletida na promessa de marca LeasePlan, de que juntos é mais fácil fazer a diferença", concluiu.

Como parte do seu posicionamento, a LeasePlan Portugal assume-se como interveniente responsável perante colaboradores e comunidade onde se integra. ■

Fundação da Ageas reconhecida

A Fundação da Ageas acaba de receber, no âmbito da 2.ª Gala do Reconhecimento de Práticas em Responsabilidade Social (RS), organizada pela Associação Portuguesa de Ética Empresarial (APEE), o Diploma de Reconhecimento Práticas RS na categoria de voluntariado, com o projeto Team Building Solidário.

Segundo esclarece a APEE, o Diploma de Reconhecimento Práticas RS distingue a implementação de políticas e modelos de boa governação em organizações dos setores público e privado, com ou sem fins lucrativos, com boas práticas em responsabilidade social.

Já sobre a distinção na categoria de voluntariado, esclarece que é atríbuida a organizações que contribuem para o desenvolvimento da comunidade onde operam, através da doação de tempo e competências dos seus colaboradores.

Assim, com esta atribuição, a APEE vem sublinhar e distinguir a Fundação da Ageas, reconhecendo o trabalho que tem vindo a desenvolver, bem como o dos seus voluntários, em prol de causas sociais, evidenciando o papel de cidadania ativa na envolvente económica e social e a sua contribuição para uma sociedade mais forte e mais solidária".

Importa recordar que Fundação da Ageas Seguros, lançada em Portugal em 1998, promove uma cultura de solidariedade e envolvimento junto dos colaboradores e mediadores da Ageas Portugal, assumindo um lugar preponderante na vertente social na estratégia de Responsabilidade Corporativa. A Fundação foi reconhecida com o estatuto de IPSS em 2007. ■

PUB

5th angelman
INTERNATIONAL SCIENTIFIC CONFERENCE
LISBON 2016

angel
Associação Síndrome de Angelman Portugal

30 DE SETEMBRO
SANA Lisboa Hotel

Neurofisiologia em modelos AS
Genética humana, para além do ARN
Vencedores dos prémios ASA

Inscreva-se em **scp@angel.pt**

Ben Distel | Bioquímica e biologia molecular na Academic Medical Center - Amsterdam

Ben Philpot | Departamento de biologia e fisiologia celular na Universidade da Carolina do Norte, Chapel Hill School of Medicine

Célia Barbosa | Neuropediatria do Hospital de Braga

Geeske van Woerden | Departamento de neurociência, Erasmus MC

Gerhard Schratt | Instituto de Química fisiológica na Philipps-Universität Marburg

Hanoch Kaphzan | Laboratório para a neurobiologia dos transtornos psiquiátricos | Departamento de neurobiologia da Universidade de Haifa

Sofia Duarte | Instituto de Medicina Molecular no Hospital de Dona Estefânia, CHLC

Stormy Chamberlain | Departamento de genética e biologia do desenvolvimento na Universidade do Connecticut Health Center

APOIOS

FUNDAÇÃO AMÉLIA DE MELLO

ASA ANGELMAN SYNDROME ALLIANCE

PATROCÍNIOS

FIDELIDADE

LeasePlan
it's easier to leaseplan

Germano de Sousa

STRONG

Boyden

Canon

LusoAtlântica

santogal

sgl

UNIMAGEM

Pedro Norton de Matos
Mentor do Greenfest

Todos juntos rumo ao Desperdício Zero

A acompanhar a mobilização do setor dos resíduos para as Metas de 2020, a Economia Circular é a grande temática desta edição.

Sónia Bexiga
sbexiga@jornaleconomico.pt

Foto cedida

O que conduziu à escolha deste tema central?
A Economia Circular é um tema de atualidade que importa trazer para o debate público e alargado. É importante para percebermos os desafios que se colocam a Portugal, mas também para percebermos o que já se faz e as oportunidades que poderão surgir com a aprendizagem com outros países europeus. É cada vez maior o interesse pelas diferentes dimensões da sustentabilidade, mas continua a ser necessária uma mudança profunda de atitude de todos os 'stakeholders'. Para termos uma real dimensão do desafio que se coloca a todos, referiria que o objetivo último da Economia Circular é o Desperdício Zero. No festival, pretendemos sensibilizar os visitantes para esta temática, uma vez que é urgente poupar o ambiente e os recursos naturais, segundo padrões sustentáveis de produção e consumo. Uma Economia Circular exige o envolvimento e o empenho de todos, de decisores políticos a empresas, aos próprios consumidores, constituindo um importante contributo para que todos aprendam a utilizar, partilhar e reutilizar.

Estão reunidas as condições para que este modelo se torne uma realidade em Portugal? Quais os principais desafios que se colocam?
As pessoas estão cada vez mais sensibilizadas para o tema da sustentabilidade. Os principais desafios passam por otimizar os recursos, uma vez que a Economia Circular procura dissociar o desenvolvimento económico global do consumo de recursos finitos, tendo como objetivo manter os produtos e as matérias no mais alto nível de utilidade e valor. Outro desafio passa pelas atividades económicas, as quais têm que redefinir o tipo de recursos naturais a utilizar, como produzir e comercializar com o maior tempo estimado de vida desse produto, assegurando que, no final, este se possa transformar noutro produto com valor económico. E aqui sublinho o papel da tecnologia e da crescente digitalização da economia, as quais têm a função de facilitador, nomeadamente no potencial de escala e viabilização dos novos modelos de negócio. Atualmente, o país já tem capacidade para incinerar 20% dos seus resíduos urbanos, ou seja, se reciclar 70% dos resíduos em 2030, apenas terá de enviar para aterro 10% dos resíduos.

> A Economia Circular deverá também abrir outros horizontes, novos mercados que deverão responder a estas mudanças

Podem esperar-se avanços significativos a médio prazo? Assistiremos a uma profunda mudança de mentalidade?
Acredito que seja um processo progressivo, os temas da sustentabilidade são um desafio a prazo. Conseguimos, através do Greenfest, verificar que é cada vez maior o interesse. O festival é uma excelente forma de mostrar que o cidadão comum pode ser um agente de mudança e ter a capacidade de transformar o (seu) mundo. Tenho a convicção de que os visitantes saem com esse sentimento de 'empowerment' e com vontade de exercer esse poder. A Economia Circular deverá também abrir outros horizontes, novos mercados que deverão responder a estas mudanças do consumo, podendo, em breve, ser o grande impulso para um novo modelo económico e social. Acredito na capacidade inovadora do Homem, na educação e na investigação, para que consigamos transitar para uma sociedade de "desperdício zero".

A Suécia é o país convidado nesta edição. Que experiência tem este país em matéria de Economia Circular?
A Suécia é uma excelente referência de boas práticas e cidadania ativa. É importante referir que nós vivemos numa economia baseada num modelo linear de "extração, produção, consumo e eliminação." É urgente dissociar o desenvolvimento económico global do consumo de recursos finitos, tendo como objetivo manter os produtos e as matérias no mais alto nível de utilidade e valor. Enquanto nós temos, em Portugal, baixos níveis de reciclagem, a Suécia recicla 95% do seu lixo. É um país com uma longa experiência no desenvolvimento da Economia Circular e que acolheu com grande entusiasmo o convite do GreenFest. Este é um tema estratégico para o país, pelo que foi com naturalidade que surgiram o interesse e a oportunidade de participarem, partilhando experiências.

As nove edições do festival apresentaram um programa diversificado, capaz de atrair públicos distintos. Este ano, que iniciativas se destacam?
Ao longo de quatro dias, o GreenFest oferece um conjunto alargado de atividades, desde conferências (por exemplo, a "Health is our Hands/A saúde está nas nossas mãos", da Fundação Calouste Gulbenkian), ateliês, oficinas de reutilização de materiais, rastreios, 'workshops' sobre a criação de empresas, palestras sobre diferentes dimensões da temática da sustentabilidade, seja ela ambiental, social ou económica. Posso ainda destacar o "Parlamento das Crianças", no qual as crianças até aos 12 anos podem participar e debater os temas de sustentabilidade.

O GreenFest dispõe de vários espaços com o intuito de envolver, num só evento, empresas, cidadãos e poder local. Temos sete espaços: o Show Cooking, focado na saúde alimentar, com 'workshops', ações de degustação, 'live shows' e debates; o Speakers Corner, espaço informal de partilha de ideias com conferências, 'workshops' e apresentações sobre empreendedorismo; o Networking Lounge, que promove contactos e parcerias entre pessoas e empresas; Story Telling, área dedicada à partilha de histórias de pessoas e/ou projetos inspiradores; o Creative Crowd, que visa estimular a troca de ideias sobre a sustentabilidade, a cultura de "design thinking" e o seu papel na economia; o Univercity, o palco para as universidades, alunos e professores; e, por último, o Community Factory, espaço da comunidade onde se apresentam desafios e se desenvolvem possíveis soluções. ■

DR

Greenfest. Está de volta a festa da sustentabilidade

De 6 a 9 de outubro, para quem trabalha por um mundo melhor, todos os caminhos vão dar ao centro de Congressos do Estoril.

Entre os próximos dias 6 a 9 de outubro, para quem trabalha diariamente por uma mudança profunda de atitude, todos os caminhos vão dar ao centro de Congressos do Estoril.

Já são conhecidas as principais linhas e o fio condutor da edição deste ano do Greenfest. Com a temática da Economia Circular como âncora, a organização, liderada pelo mentor do evento, Pedro Norton de Matos (em parceria com a Câmara Municipal de Cascais, Grupo Gingko e Commit), volta a preparar um programa vasto e bem diversificado, fruto das sólidas parcerias em que há muito assenta e de outras que a cada ano conquista. E é nesta lógica de potenciar sinergias que chega a este evento a Suécia, o país convidado, ao qual foi solicitado que partilhe a sua vasta experiência em matéria de sustentabilidade e de Economia Circular.

Ainda sobre a temática central desta 9.ª edição, a organização fez questão de sublinhar que o objetivo é sensibilizar os visitantes, uma vez que defendem que é urgente que surjam novas respostas e soluções para os desafios do crescimento, coesão e integração social. Sendo que, com o envolvimento de todos, a grande meta a alcançar é a do Desperdício Zero.

E o primeiro momento em que este assunto será o protagonista é a sessão de abertura, na qual estão já confirmadas as presenças de jan Olsson, Embaixador da Causa do Ambiente da Suécia; Freimut Schroder da Siemens Healthinners; Lars Montelius do Laboratório Ibérico Internacional de Nanotecnologia; Fernando Caldas do Ikea Portugal, Paula Guimarães do GRACE – Grupo de Reflexão Grupo de Reflexão e Apoio à Cidadania Empresarial e Catarina Roseta-Palma do ISCTE.

Ainda sobre o que espera os milhares de visitantes no Centro de Congressos do Estoril, durante quatro dias, importa sublinhar que o festival criou vários espaços, que se destinam aos mais variados públicos, apesar de tosos serem desafiados a interagir e partilhar experiências. No caso das empresas, é-lhes dada a oportunidade de divulgarem tendências e de estabelecerem parcerias; os cidadãos, terão a oportunidade de experienciar atividades que os levem a contribuir mais, e melhor; e por último, para o poder local este será o palco ideal para partilhar e incentivar as boas práticas junto da comunidade. Nesta dinâmica, a organização evidencia, entre outros momentos, a conferência "Health is our Hands/Saúde está nas nossas mãos" da Fundação Calouste Gulbenkian. ■

> É nesta lógica de potenciar sinergias que chega a este evento a Suécia, o país convidado, ao qual foi solicitado que partilhe a sua vasta experiência.

PUB

Opinião

A investigação académica da RSE

Marta Lopes
Professora Auxiliar na Universidade Lusófona
marta.lopes@ulusofona.pt

O debate académico na Europa sobre Responsabilidade Social Empresarial (RSE) é relativamente novo. No entanto, em Portugal e na generalidade dos países do Mediterrâneo, as últimas duas décadas registaram um forte incremento, com investigadores a estudarem o tema, tentando recuperar o atraso temporal em relação aos países nórdicos ou aos Estados Unidos.

Apesar da investigação ser escassa permite-nos provar que a RSE em Portugal é motivada por: (1) questões e requerimentos legais ou por condutas éticas e sociais; (2) por imitação da concorrência, ajudando a anular uma possível vantagem competitiva; (3) por razões morais; (4) por fatores externos, de mercado e operacionais; (5) e por uma necessidade imposta pelos consumidores, pelos 'stakeholders' ou pela sociedade em geral.

Os estudos permitem ainda identificar duas áreas distintas de atuação das empresas, à semelhança do que acontece noutros países: a interna e a externa. A nível interno, as grandes empresas e as PME estão orientadas para o bem-estar dos seus colaboradores, para o voluntariado corporativo e para igualdade de oportunidades. Do ponto de vista externo, o relacionamento com a comunidade, o apoio aos mais desfavorecidos e as intervenções junto das escolas são as práticas mais identificadas nas grandes empresas enquanto a adequação do produto às necessidades do cliente e o tratamento das reclamações são o foco das PME.

Por outro lado, a investigação mostra ainda que as multinacionais e as grandes empresas têm, progressivamente, adotado códigos de conduta, procuram certificações ambientais e sociais, criam (poucos) comités de ética ou departamentos de RSE.

> O que falta agora é a investigação académica acompanhar o ritmo e desenvolver estudos mais profundos e sistemáticos que permitam uma melhor caracterização do setor

Apesar dos progressos, a RSE continua a ser caracterizada por ações pontuais e pouco compreendidas sem efeitos visíveis ao nível macro ou sem impactos significativos na vantagem competitiva das regiões. Os relatos da sustentabilidade apresentam ainda poucos indicadores, o que poderá indiciar que são produzidos mais como um instrumento de 'marketing' do que como reflexo de um verdadeiro compromisso com a RSE. A maior parte dos Relatórios e Contas divulgam ainda pouca informação sobre o capital intelectual.

Por último, é justo concluir que existe uma evolução significativa do tecido empresarial português nos últimos anos. O que falta agora é a investigação académica acompanhar o ritmo e desenvolver estudos mais profundos e sistemáticos que permitam uma melhor caracterização do setor.

Voluntariado. Mais missionários lá fora

Os voluntários missionários atuam em diversas áreas e são cada vez mais as entidades envolvidas neste movimento cristão.

São 860, os portugueses que já se associaram a ações de voluntariado missionário agendadas até ao final de 2016.

Segundo dados estatísticos da Plataforma de Voluntariado Missionário, coordenada pela FEC - Fundação Fé e Cooperação, entre janeiro e dezembro deste ano, o número de voluntários revela uma quebra em relação ao período homólogo. Já em missões internacionais, assiste-se ao inverso, com um aumento de 19%. Dos 860, 341 jovens e adultos realizam projetos de voluntariado missionário em países em vias de desenvolvimento - África, América do Sul, América Central e Ásia. Destaque para Cabo Verde e Moçambique, que acolhem o maior número de voluntários, com 119 e 66, respetivamente. Os restantes 519 desenvolvem as atividades em Portugal.

Os projetos podem ter missões de curta duração (15 dias a seis meses) ou longa duração (sete meses a dois anos). Este ano, os participantes têm idades compreendidas entre 18 e 35 anos, sendo que 85% são estudantes, recém-licenciados ou cidadãos empregados em período de férias.

Quanto às áreas de intervenção dentro e fora do país, educação e formação estão no topo, com um total de 24% das entidades envolvidas. Segue-se o trabalho pastoral, animação sociocultural, agricultura, construção de infraestruturas, saúde e dinamização comunitária. Relativamente à faixa etária, as crianças e os jovens são os principais visados.

Estes dados foram compilados após um inquérito anual da FEC, dirigido a todas as 61 entidades associadas. Das 37 que responderam, 25 encaram a participação neste projeto como uma aprendizagem de novas formas de ser/estar; 18 revela ter maior sensibilização para a interculturalidade e 17 expressa o desejo de apoiar projetos a partir de Portugal. Integram esta lista instituições como a SOPRO, Rosto Solidário, Jovens Sem Fronteiras, FIDEMA, Projeto SABI, GAS´Africa, Associação Por Timor, GAS´África, entre outras. ■

Brio renova apoio ao projeto Reutilizar

Até ao final do mês de setembro, a rede de supermercados 100% biológicos Brio, associa-se, pelo quinto ano consecutivo, ao projeto Reutilizar-Movimento de Reutilização de Livros Escolares, cujo objetivo único é tornar esta reutilização numa prática universal em Portugal.

A recolha e troca gratuita de manuais escolares estão disponíveis nos supermercados Brio de Campo de Ourique, Carnaxide, Estoril, Picoas, Telheiras e ainda nas Amoreiras.

No primeiro ano em que a marca aderiu ao movimento, em 2012, foram reaproveitados 2.400 livros. No ano passado, "verificámos uma procura cada vez maior aos Bancos de Livros Escolares, sendo que, em 2015, foram reutilizados e aproveitados, pelas famílias, cerca de 4.200 livros escolares", refere Pedro Martins, colaborador dos supermercados Brio.

Esta iniciativa é uma solução para todas as famílias, principalmente as mais carenciadas, na redução das despesas escolares "promovendo assim uma atitude 'verde'", conclui.

Os restantes livros que não são entregues a nenhuma família são, posteriormente, doados a associações de solidariedade.

Esta campanha conta com pareceiros instituicionais como o Banco Alimentar, no Porto, a Federação dos Bancos Alimentares de Portugal e a Ultripo. ■

Pediatria oncológica

Até 30 de outubro, decorrem as candidaturas ao 1.º Prémio Rui Osório de Castro/Milennium bcp, uma iniciativa da Fundação Rui Osório de Castro (FROC) e Milennium bcp.

A FROC é uma instituição dedicada ao apoio de crianças com cancro e seus familiares nas áreas de informação e investigação científica em oncologia pediátrica as com cancro e seus familiares.

O prémio é de 15 mil euros e será atribuído ao melhor projeto para a melhoria dos cuidados prestados às crianças portuguesas com doenças oncológicas, já que o cancro é a "primeira causa de morte não acidental na população infanto-juvenil", sublinha Cristina Potier, diretora-geral da FROC.

Os projetos candidatos têm de se realizar em Portugal e são aceites estudos científicos, projetos de investigação, formação, entre outros.

O vencedor será conhecido em fevereiro de 2017, durante o 3.º seminário de Oncologia Pediátrica, na Fundação Calouste Gulbenkian. ■